



FESTA DE SÃO JOSÉ: ANÁLISE DA OBRA “O CABELEIRA” (1876) E A RELAÇÃO DA SECA EM PERNAMBUCO (1775-1793)

*FESTA DE SÃO JOSÉ: ANALYSIS OF THE WORK “O CABELEIRA” (1876)
AND THE RELATION OF THE DROUGHT IN PERNAMBUCO (1775-1793)*

Joana Cristina Souza do Nascimento Rosa¹

RESUMO

Durante a segunda metade do século XVIII, a província pernambucana sofreu com intensas secas. Ao longo de vários séculos, foi possível caracterizar e entender a relação climática da região, prevendo os momentos de escassez e pouco aproveitamento econômico. As décadas de 1770 e 1780 foram marcadas pela formação de flagelos que desestruturaram a sociedade durante o período: além da seca, a formação do banditismo social. Uma das principais soluções que a sociedade interiorana encontrara para enfrentar os acontecimentos vivenciados durante o período, foi a confiança em São José, um santo católico, e a organização de procissões religiosas. Publicado em 1876, a obra *O Cabeleira*, escrita por Franklin Távora, foi uma narrativa naturalista que preservava as narrativas pernambucanas durante o final século XVIII. A partir disso, foi possível extrair como a relação da festividade e a convivência com as adversidades climáticas, foram importantes para amenizar a situação do período. Dentro do romance, destaca-se a relação dos flagelos sociais da segunda metade do século XVIII – a seca, a epidemia de febre amarela e a formação do banditismo social –, possibilitando o entendimento de como a festividade de São José predisps o fortalecimento da sociedade interiorana, para o enfrentamento das lamentações que rodeavam Pernambuco durante o período, influenciando diretamente sua organização, sua política e sua relação econômica.

Palavras-chave: Festa de São José; seca; século XVIII.

ABSTRACT

During the second half of the 18th century, the province of Pernambuco suffered from intense droughts. Over several centuries, it was possible to characterize and understand the region's climatic relations, predicting times of scarcity and low economic use. The decades of 1770 and 1780 were marked by the formation of scourges that destabilized society during that time: in addition to the drought, the formation of social banditry. The primary solution that the inland society found to face the events experienced during that time was trust in São José, a Catholic saint, and the organization of religious processions. Published in 1876, the work, *O Cabeleira*, written by Franklin Távora, was a naturalistic narrative that preserved the *pernambucanas* narratives during the late 18th century. From this, it was possible to extract how the relation of festivity and coexistence with climatic adversities was important to alleviate the situation of that time. Within the novel, the relation of the social scourges of the second half of the 18th century stands out - the drought, the yellow fever epidemic, and the formation of social banditry -, allowing the understanding of how the festivity of São José predisposed the strengthening of the countryside society, to face the lamentations that surrounded Pernambuco during that time, directly influencing its organization, politics and economic relations.

Keywords: Festivity of São José; drought; 18th Century.

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PPGH-UFRPE), sob a orientação do Professor Doutor Wellington Barbosa da Silva. Email: joanacrissrosa@gmail.com



INTRODUÇÃO

A partir das análises feitas dentro da obra regionalista do escritor Franklin Távora, é possível observar, em sua literatura, como deu-se a formação cultural, social e política pernambucana.

Ao longo da segunda metade do longo período oitocentista, Franklin Távora foi considerado um renomado escritor brasileiro. Além de ser um dos principais representantes do movimento literário conhecido como "Romantismo Regionalista", trabalhou em formar uma literatura centrada nos aspectos notistas. (VERÍSSIMO, 1998, p. 339-341)

A vida do escritor cearense foi marcada por uma intensa atividade intelectual e literária, iniciando seus estudos em Pernambuco, dentro da Faculdade de Direito do Recife. Durante sua carreira – entre várias tentativas de sustento – a produção de romances fora uma alternativa imediata de conseguir subsídios que sustentassem sua família enquanto ainda estudava advocacia.

Suas obras são caracterizadas por retratar aspectos sociais, culturais e históricos da antiga regionalização do Norte brasileiro. Seus escritos abordam temas como o banditismo social, a seca, a vida no sertão e as lutas por justiça social. Além disso, seus personagens são geralmente figuras controversas e complexas, que enfrentam dilemas morais e desafios em suas trajetórias, abordando um tema psicológico e interação humana de acordo com seu meio.

À vista disso, Franklin Távora, emerso aos movimentos de identidade e pertencimento, construiu a ideia de uma "Literatura do Norte". Para mais, buscava-se o resgate de tendências que reafirmavam a tradição e cultura das províncias nortistas. Ao longo da sua trajetória, o escritor deixou evidente sua preocupação em defender uma literatura baseada em histórias que contracenassem com os cenários da imensa região – sendo, inclusive, seu principal alvo de desentendimento sobre valorização regional dentro da literatura, o escritor José de Alencar, como aponta Aline Jesus Menezes em sua dissertação:

Para o escritor [Franklin Távora], a verossimilhança se produziria em proporção direta à fidelidade ao ambiente em que se desenvolveria a ação romanesca. Por isso, ele censura Alencar por ter escrito *O gaúcho*, sem ter tido o devido conhecimento prático dos pampas gaúchos. (MENEZES, 2012, p. 79)

Em 1876, a obra que inicia a chamada Literatura do Norte, *O Cabeleira*, tem como formato uma crônica histórica pernambucana. Sua produção foi realizada com o intuito de criar um documento histórico que contasse o início do banditismo social e os impactos dos flagelos que assolavam Pernambuco durante o final do século XVIII. Para isso, Franklin



Távora inicia sua narrativa, em um trecho denominado de “Meu Amigo”, falando sobre a importância da obra para a história pernambucana:

Início esta série de composições literárias, para não dizer documentos históricos, com O Cabeleira, que pertence a Pernambuco, objeto de legítimo orgulho para ti, e de profunda admiração para todos que têm a fortuna de conhecer essa refulgente estrela da constelação brasileira. Tais estudos, meu amigo, não se limitarão somente aos tipos notáveis e aos costumes da grande e gloriosa província, onde tiveste o berço. (TÁVORA, 1998, p. 10)

A obra apresenta traços regionais e culturais pernambucanos da transição da segunda metade do século XVIII até a década de 1870 – período da criação da obra. Dessa forma, é possível identificar as práticas de divertimentos como forma elemento estrutural da obra, caracterizando um aspecto defendido pelo próprio autor cearense: a Literatura do Norte e sua formação regionalista.

A produção literária narra a história de José Gomes, conhecido como Cabeleira, um personagem dito como violento e temido devido aos acasos marcados pela vivência dentro do extenso território que demarcava Pernambuco. O romance, que se passa em um período de crise colonial, busca retratar a realidade da antiga região que predominava o Norte, marcada pela pobreza, desigualdade social e dificuldade climática.

A história se desenrola em meio a uma série de eventos sangrentos e de denúncias sobre a administração colonial. Apesar de ser um romance e seu autor possui liberdade em sua licença poética, a produção literária reproduziu um cenário de prejuízos e consequências de um dos momentos mais alarmantes durante o final do século XVIII: a seca.

As festividades, antes de qualquer coisa, são uma amostra de sociabilidade e convívio. Dentro do desenvolvimento de uma prática festiva, é possível observar elementos que ajudaram com o entendimento de formação e práticas de relação de poder. À vista disso, durante boa parte da vida literária que o escritor cearense traçou, é possível extrair elementos de composição de um espaço de regionalização interna: os sertões pernambucano.

A “Literatura do Norte” - como Franklin Távora (1876) costumava nomear, era um estilo de escrita que tinha como objetivo criar suas próprias características afastadas dos traços europeus, oficialmente, sobretudo, respeitando os limites entre as regiões, principalmente em Pernambuco, teria seu papel como colaborador de um olhar mais político e literário do Norte.



A práticas festivas são demonstradas em descrições detalhadas pelo autor: desde as flores utilizadas para decoração até os instrumentos que os músicos escolheram para dedilhar uma vitória. Para mais, é possível encontrar as práticas de divertimentos em vários elementos descritos pelo escritor nas páginas dos seus livros, possibilitando a compreensão do cenário durante boa parte dos oitocentos.

“O regionalismo então servia, como tem servido, de documento e protesto” (BOSI, p.147, 1994). Quando Alfredo Bosi descreveu em seu livro, *História Concisa da Literatura Brasileira*, ele expressou como e qual seria o objetivo da produção literária regionalista: denunciar e defender limites que foram constituídos dentro de uma formação regional (BOSI, 1994). Em grande maioria, dentro dos diálogos ao leitor, Franklin Távora mostrou preocupação em seus escritos em relação a vivência e valorização sociocultural do Norte.

Ao longo da leitura do romance regionalista, *O Cabeleira* (1876), foi possível estabelecer relações com o cotidiano e tradições interioranas em Pernambuco. Através do personagem de José Gomes, um dos pioneiros do conhecido banditismo social, a obra consegue extrair elementos que estão em diálogo com as práticas de divertimentos e os elementos de composição festiva.

Através da obra, é possível visualizar como a sociedade pernambucana do século XVIII conseguiu enfrentar os flagelos que assolavam boa parte de Pernambuco. A partir das descrições do autor, fica evidente o aumento de procissões e busca por soluções perante as consequências negativas que o território enfrentava – além da seca, a epidemia de febre amarela e o início do banditismo social, foi desenvolvido um cenário de verdadeira calamidade e, para muitos, a crença de um milagre era a solução para acalmar todos os ânimos.

“O meu plano há de cair tão certinho como S. João a vinte e quatro” (TÁVORA, 2003, p. 27). Em tradição, ao longo da obra, os personagens criam narrativas que mergulham nas práticas culturais que caracterizavam o calendário das festas religiosas da região. É possível construir uma narrativa de formação cultural que atingia Pernambuco desde a segunda metade do século XVIII, possibilitando entender como funcionava o diálogo a respeito dos elementos de composição cultural e a influência religiosa.

A utilização da fonte literária, acabara possibilitando a construção de um cenário que foi estabelecido há tempos dentro da memória. Para Franklin Távora (1876), a valorização das tradições nortistas e seus aspectos, construíam margens para relatar as histórias envolvendo toda conjuntura social da região – afinal, a história do norte, considerando a geografia oitocentista, sempre foi marcada por acontecimentos que serviram para muitos cenários literários ao longo da jornada da literatura brasileira.



Em primeiro momento, é necessário entender o impacto da seca que devastou Pernambuco durante a segunda metade do século XVIII – sendo, inclusive, o cenário escolhido pelo autor. Ao debater sobre a condição climática e suas consequências – perante a sociedade, a economia e a saúde -, Franklin Távora conseguiu transmitir o processo que marcou a região a partir de registros e relatos em sua obra. A calamidade climática que predominou as últimas décadas do século XVIII, fora um dos registros mais tensos catalogados ao longo da história das secas, tornando-se possível a visualização de mudanças permanentes na economia da região, do modo de convívio entre as pessoas e as práticas de tradições culturais e religiosas.

Devido a mudança, um dos arranjos encontrados pela sociedade interiorana de Pernambuco para enfrentar os flagelos: a organização de procissões e a aclamação a São José. Em pesquisas sobre grandes catástrofes que ocorriam em diferentes períodos históricos, é possível observar a semelhança entre diferentes conjunturas sociais a forma de prende-se em segmentos de religiosidade para acalmar, de certa forma, os ânimos e a crença de um longo período próspero após o tormento.

Por fim, a obra regionalista de Franklin Távora, permite em sua narrativa, o entendimento sobre as práticas festivas religiosas em relação da convivência com os flagelos do período. A partir da análise literária, é estabelecido uma amostra sobre o entendimento da construção do cenário e a reorganização estabelecida pela ordem religiosa que tentava combater os ânimos sociais devido ao alcance da desordem alcançada pela crise climática e, também, pelo banditismo social e a epidemia de febre amarela.

UM DEBATE SOBRE A SECA EM PERNAMBUCO (1770-1780)

Dentro da história da seca, é possível observar o registro climático desde o século XVII. Prevendo efeitos econômicos e socioculturais, a construção do imaginário interiorano brasileiro, baseando-se nos fatores consequenciais, reconstruí o cenário de alarme vivenciado pelos homens do sertão.

Desde o final do século XVII, é notório a agitação de núcleos que cresceram devido a consequência da seca: como o embate dos povos nativos e a formação de grupos de malfeitores infestando os sertões (ALVES, 1982, p. 23). Com a crise climática, a confederação e formação de grupos que tentavam – por vezes, através da violência – invadir fazendas que estavam desocupadas pelos donos originários ou a invasão de territórios com donos ativos, na tentativa de fugir do maçante mormaço mortífero da seca.

A seca dos Três Setes – como é conhecida durante seu apogeu, em 1777 - também teve um impacto cultural e social na região. A falta de recursos e a luta pela sobrevivência



levaram ao aumento da violência e do banditismo. Além disso, a escassez também acentuou as desigualdades, afetando principalmente os mais pobres e marginalizados.

Ao longo do século XVIII, a seca reproduziu um cenário de catástrofe climática reproduzidas pelos alcances territoriais de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande e Ceará. Desde o período colonial, as secas produzem grandes problemas que influenciam diretamente com a miséria e a reabilitação das organizações dos vários setores econômicos (pecuária e agricultura).

Para as capitanias mais ricas, Pernambuco e Bahia, sofreram diretamente com os embalos da seca ao longo do século XVIII. Diante da situação, os alimentos de cultura básica do cotidiano – como a mandioca e o açúcar - tiveram seus plantios prejudicados pelo processo de secura que transcorria pela região, sendo ordenados por D. João, em uma carta Régia a continuação da tentativa do plantio para alimentar os familiares e escravizados que moravam nas fazendas interioranas:

e quanto a plantação de mandioca, vos ordeno que obrigueis a todos os senhores de engenhos a que plantem a que se julgar necessária para sustentação da sua escravatura e família naquelas terras que lhes sobraram e que não forem próprias para a produção e cultura das canas. (ALVES, 1982, p. 43)

O escritor e romancista, Franklin Távora, deixou em sua obra um pequeno registro sobre a condição desfavorável dentro da economia pernambucana em relação a escassez de alimentos e o aproveitamento dos comerciantes ao taxarem os preços com lucros altíssimos:

A seca que estava devastando a província tinha-lhe proporcionado ocasiões de conhecê-los os lugares da província melhor. A escassa farinha, os poucos legumes e outros comestíveis que apareciam nas feiras gerais eram logo comprados por atravessadores que os iam revender com usura no Recife. (TÁVORA, 1998, p. 91)

Outro ponto que se tornou problema para o governo pernambucano, foi a onda de emigrações de pequenos núcleos sociais. Além da seca e suas consequências, esses grupos que depredavam e que se formavam na tentativa de restabelecer uma moradia que serviria minimamente como abrigo e restauro, procuravam pequenas soluções para as condições causadas pelos flagelos. A ideia era de ocupar espaços e terrenos que eram propriedades de fazendeiros da região – e, foi assim, durante o contexto de seca, epidemia e fome, que foram encontrados os primeiros registros sobre o dito banditismo social, composto por sua maioria das vezes desses grupos de emigrantes. Os conhecidos “bandos” foram colocados como prioridade do governo setecentista para acabar com dita desordem e invasões, estabelecendo políticas de ordem social.



A seca entre os anos de 1776 e 1777, entre os registros, é considerada uma das mais intensas da história de Pernambuco. O percentual econômico do pastoril, que percorria até o Ceará, fora prejudicado em sua totalidade, sendo, no futuro, a base econômica transferida para a contribuição da indústria do Rio Grande do Sul – inclusive, José Pinto Martins², fugindo das consequências das secas, emigrou para o sul e inaugurou o primeiro comércio de carne seca na região (ALVES, 1982, p. 52).

Durante o período de calamidade, era comum o registro de procissões na busca de alcançar o milagre em fé para o término dos flagelos que assolavam em Pernambuco. A tentativa da população interiorana de buscar o fim da seca, foi marcada por registros paróquias da época, com tradições de rezas e cantos. Pelo registro do Senador Pompeu:

a fome se fez sentir de tal maneira que muita gente foi vítima dela. O Bispo D. Thomaz da Encarnação Costa Lima muito concorreu para aliviar à pobreza, distribuindo avultadas esmolas. Mandou fazer preces públicas nas matrizes e conventos, e ordenou também que se fizessem procissões de penitência. (ALVES, 1982, p. 52)

Em sua produção literária, *O Cabeleira* (1876), o escritor cearense Franklin Távora, aborda a narrativa sobre a reconstrução do cenário da capitania pernambucana perante a seca e as consequências do banditismo social. Fica evidente em sua narrativa como o povo que habitava a região ficou preso à esperança da fé, buscando um conforto emocional e espiritual sobre os flagelos que acontecera durante o longo período.

Em situações de calamidades, o aspecto do coletivo abre espaço para uma análise sociocultural perante o envolvimento religioso. Em registros paroquiais – como o pedido de D. Tomaz da Encarnação Costa Lima -, é possível perceber um aumento significativo de procissões em momentos que são considerados necessários: destacando-se a Festa de São José, como exemplo, que seria o santo protetor das lavouras e intercessor da prosperidade, trazendo chuva e fartura para a mesa.

De fato, a segunda metade do século XVIII foi de intensa atividade de estiagem dentro de várias capitanias. Os registros entre 1770 e 1779, constitui um aumento significativo na reconstrução social e econômica, especialmente de Pernambuco. No final do século XVIII, é também notório mais uma vez – acreditam-se que o pior registro do século -, um longo período de seca, entre os anos de 1791 e 1793.

² José Pinto Martins foi um cearense que, fugindo da seca e suas consequências, instaurou o comércio de charqueadores dentro do Rio Grande do Sul, na região de Pelotas, possibilitando a mudança econômica e uma nova formação de relação de trabalho na região. Além do comércio de carne, foi possível estabelecer um fornecimento de couro para países europeus, especialmente a França.



Dessa forma, em menos de vinte anos, entre os últimos registros de intensa alteração climática, a capitania pernambucana sofreu com as consequências deixadas. Ainda em sua introdução da dissertação mestrado, Mariely de Albuquerque Mello Felipe, fala sobre o impacto que a seca da década de 1790 causara até mesmo em capitanias mais distantes: “no Rio de Janeiro, na Bahia e em São Paulo, os anos iniciais da década de 1790 teriam sido marcados por um forte impacto das necessidades externas de alimentos sobre a economia local.” (FELIPE, 2017, p.17)

À vista disso, as últimas décadas do século XVIII fora marcada por uma intensa adversidade climática que provocou a formação de tradições populares e políticas, em tentativa de reorganizar possíveis situações de secas futuras. A década não foi a primeira que recebera um registro intenso e de profundas mazelas. Ao longo da história da seca foi possível observar como a população interiorana pernambucana conviveu com os flagelos que desorganizaram sua sociedade e sua tradição comercial.

PROCISSÕES DE SÃO JOSÉ: A IMPORTÂNCIA DAS FESTIVIDADES EM SITUAÇÕES DE FLAGELOS

As festas são responsáveis pela caracterização de uma determinada cultura e o envolvimento social na construção de uma identidade. Dessa forma, a literatura de Távora descreve um cenário de formação e uma narrativa carregada de regionalismo para entender o contexto de agitação pernambucana dos oitocentos.

A influência da Literatura do Norte contribuiu para destacar aspectos regionais importantes dentro das obras do escritor cearense. A partir das descrições dos divertimentos e suas particularidades, é notável o rico valor dos traços culturais que Pernambuco apresenta desde muito antes da criação das obras em destaque.

Mesmo sendo uma obra produzida no século XIX, o escritor estabeleceu a linha temporal dentro da segunda metade do século XVIII. Durante esse tempo, Pernambuco comemorava o decreto pela expulsão dos jesuítas; a Vila do Recife encontrava-se em festa e constituída de luzes.

São José, considerado o padroeiro dos trabalhadores, era venerado de forma especial em Pernambuco - principalmente da agricultura e da pesca. A festa do santo, marca no calendário o dia 19 de março, atraía pessoas de todas as partes da região, que se reuniam para homenageá-lo e participar das atividades festivas.

Durante a festa, a cidade ganhava uma atmosfera diferente, com as ruas enfeitadas com bandeirinhas coloridas e altares montados em sua homenagem. As igrejas também



eram decoradas de forma especial, com flores e velas, e realizavam missas solenes em honra ao santo.

As procissões, no final do século XVIII, em Pernambuco, eram momentos de grande importância religiosa, social e cultural para a população da região. Nesse período, as procissões eram uma das principais formas de expressão da fé e de devoção religiosa.

As práticas também eram marcadas por uma grande devoção e fé. Os fiéis caminhavam em silêncio, rezando e cantando, demonstrando sua devoção aos santos e sua fé na religião católica. Era um momento de recolhimento espiritual, onde as pessoas buscavam a paz e a comunhão com Deus.

É no espaço público das ruas - em procissões, cortejos e festas - e nos templos e santuários - na realização dos rituais - que costuma expressar veneração. (COUTO, 2008, p. 9). A partir disso, fica evidente o aumento considerável de procissões liberadas durante um momento de calamidade – e, pelo período em questão, os flagelos estavam bastante aflorados em Pernambuco.

A prática religiosa, por vezes, é associada ao processo de espiritualidade. De fato, não é negável sobre principal objetivo, mas a questão debatida é sobre o processo de sociabilidade que é encontrada em um coletivo a partir de uma dificuldade em comum. O espaço público ficou lotado de fiéis que acreditavam e tinham esperança de afastar todo mal-estar que prevalecia a região, como afirmou Edilece Souza Couto:

Devoções, festas e ritos têm a função primordial de reatualizar o tempo mítico, reversível e recuperável. Ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação. (COUTO, 2008, p. 2)

Em sua tese de doutorado, a historiadora Lídia Rafaela, descreve o cenário sobre uma cerimônia festiva dedicada a nova bandeira, sendo o dia escolhido para comemoração e bênção do novo símbolo, destacando-se nas ruas as imagens de santos e as etapas da via-sacra. Ainda sobre os aspectos da procissão, entre as linhas de rodapé, a historiadora cita uma conterrânea especialista em história colonial, Kalina Vanderlei Paiva da Silva, para explicar a dimensão das procissões que eram constituídas no século XVIII e sua importância como amparado social:

no período colonial as celebrações públicas e as procissões tomavam as ruas nos dias de festa patrocinado pela Igreja e pelo Estado, que eram espaços de afirmação das elites locais. Plebe e elite participavam das festividades públicas. (SILVA, 2011, p. 39)



De acordo com a doutora e historiadora Lídia Rafaela (2018), como prática do cotidiano, as festas religiosas tornaram-se uma essência no calendário festivo, principalmente no Recife. As procissões ficaram conhecidas pelo alvoroço e aclamação pelos santos católicos, tornando-se uma essência do cotidiano.

À vista disso, o processo de cortejo religioso – entre procissões de penitência e festas de santos, especialmente para São José – em períodos de fragilidade social, construiu e reestruturou um período de turbulências em Pernambuco. Evidenciando também que, as práticas festivas citadas são de interesse de controle e ordem social, visto que a vigilância era redobrada e suas datas eram organizadas pelo calendário oficial.

Neste caso, foi possível observar como as festas e o contexto religioso conseguiram estabelecer um conforto prévio da situação negativa. Para isso, as práticas festivas elas serviram – como continuam servindo – de amparo social que trabalha com a memória e estabilidade individual e coletiva dos indivíduos que estão inseridos no contexto.

O CABELEIRA: SECA, PROCISSÕES E PRÁTICAS FESTIVAS

Durante o século XIX, a produção literária ficou estendida ao longo percurso do Romantismo e Realismo. Sendo movimentos literários opostos – preocupavam-se em produzir um cenário idealizado da realidade e os aspectos que impactavam o senso consciente da sociedade, respectivamente –, o processo permitiu a introdução de vertentes que procuraram ressignificar o percurso das letras e linguagens. (VERÍSSIMO, 1998, p. 367-368)

Em momentos narrados pelo autor, é possível notar a utilização dos crimes cometidos pelo protagonista da obra com seu bando para exemplificar a formação de procissões de penitências – enquanto o cenário estava descrevendo um crime, em outro momento cria-se a narração de uma procissão.

Para isso, a pesquisadora Valéria da Silva, em sua dissertação na área de Literatura e Vida Social, ressignifica a forma de utilização folclórica de Franklin Távora para descrever e detalhar o cenário da segunda metade do século XVIII, estendendo-se a uma interpretação imagética de fatos que podemos averiguar em outros tipos de documentos:

[...] o folclore serve como meio auxiliar na reconstrução histórica porque, ao contrário dos documentos, guarda a autoridade popular da visão dos acontecimentos. Juntamente com a fidelidade dos dados oficiais e sua cientificidade, o folclore entra como a voz histórica do povo, registro histórico informal considerado tão ou mais confiável que o primeiro devido à interpretação e à assimilação diferenciada destes fatos. Este tipo de "registro" é utilizado sempre de forma comprovadora. (SILVA, 2008, p. 69)



A narrativa de *O Cabeleira* apresenta uma visão crítica da sociedade pernambucana da época, onde a violência e a desigualdade social são evidenciadas. O livro retrata a falta de justiça e a impunidade, além de abordar questões como a honra, a vingança e a marginalização dos mais pobres. Além disso, o romance também aborda questões sociais e políticas da época, como a escravidão, a influência dos coronéis e a luta pelo poder. Através da figura do protagonista, Távora denuncia a injustiça social e a marginalização dos mais pobres, revelando as contradições e desigualdades da sociedade pernambucana do século XIX.

Entre alguns capítulos da obra, foram encontradas práticas de festejos – direitas e indiretas – sobre a socialização e organização perante o percurso pelo fim dos flagelos que assolavam o final do século XVIII, em Pernambuco.

Além das práticas de divertimentos, é importante ressaltar que Franklin Távora demonstra uma preocupação com o segmento dos períodos e ocorrências históricas, como também com os fatos que aconteceram durante sua vida literária. À vista disso, nos capítulos da sua obra encontramos algumas citações concisas sobre festas regionais que são consideradas tradições, especialmente, pernambucanas: "o meu plano há de cair tão certinho como S. João a vinte e quatro" (TÁVORA, 1998, p.19).

Durante as próximas páginas de *O Cabeleira*, Franklin Távora continua descrevendo como estava o cenário da capitania pernambucana durante o período dos flagelos. Para isso o impulsionamento das procissões ficaria evidente ao decorrer da obra pelo processo de fragilidade encontrada na conjuntura em consequência da calamidade e a violência causada pelo início do banditismo social, visto que o autor pontua que no período destacado na obra encontram-se indícios sobre um espaço de catástrofe humana e climática:

Como nunca um mal vem desacompanhado [em relação ao banditismo social e a seca], segundo mui bem diziam nossos maiores com aquela autoridade que, entre outros graves ofícios, não se lhes pode recusar na ciência da vida, ao grande contágio das bexigas, que todo o ano de 1775 e uma parte do seguinte levou assolando a província de Pernambuco, sucedeu uma seca abrasadora, mal não menos penoso senão mais funesto que o primeiro em seus resultados. (TÁVORA, 1998, p 32)

A pontualidade dos fatos que o autor descreve, demonstra preocupação em reafirmar como o período fragilizou a população pernambucana. A seca, que será citada eventualmente ao longo da obra, fora a mesma que teria sido registrada como uma das piores do setecentista, trazendo o entendimento sobre o impacto da seca e sua repercussão dentro da sociedade. Sendo assim, ele continua:



Do mesmo modo a seca, chamada em Ceará seca grande, que, arrasou Pernambuco desde 1791 até 1793, com ser mais intensa e duradoura do que a de 1776, ficou-lhe aquém nos estragos produzidos nesta última província onde esta seca foi precedida do terrível contágio que levou milhares de almas como dissemos. (TÁVORA, 1998, p. 32)

Durante a descrição, o autor destaca como a organização religiosa fora importante para calmar os ânimos daqueles que sofriam com as consequências da seca: como participando das procissões com intuito de aclamar a Santíssima Trindade ou o Santo José, pelo fim das mazelas que assolavam a extensão sertaneja da região pernambucana.

É notório como o autor deixa evidente a catástrofe do período. Um aspecto interessante é a narrativa sobre a geografia, como a vegetação e paisagem ficara após o momento da Grande Seca – inclusive, pelo movimento literário realista, é possível entender um duplo sentido em relação àquilo que seria uma característica da vegetabilidade ou uma contraposição do sentimento humano – como algo seco, sem força e com resquícios de crueldade:

Com a seca abrasadora essa região, que nunca fora amena, ainda na força do verde, estava inóspita, árida, cruel. Via-se a espaços um pé de xiquexique perdido nos alvos tabuleiros, ou entre serros alcantilados, e junto do rio uma ingazeira com a folhagem coberta de samambaia, um juazeiro solitário e sem fruto. (TÁVORA, 1998, p. 99)

Franklin Távora, após transcorrer pelo detalhamento da fragilidade do contexto, ele inicia sua narrativa falando sobre as procissões que tiveram ao longo do período. De acordo com sua escrita, o momento era de deslumbre e positividade – algo que, pela circunstância enfrentada, passaria ser um escape de espeda e de boa-fé:

[...] convidou o povo a procissões de penitência. As procissões eram então atos majestosos e dignos. Uma delas produziu tão viva e salutar impressão no espírito do povo daquele tempo, que o historiador se julgou na obrigação de transmitir sua memória à posterioridade. (TÁVORA, 1998, p. 34)

Franklin Távora destaca o papel dessas procissões como uma forma de arrecadações de fundos e de controle de histeria social. Devido ao grande impacto da religião dentro da construção da sociedade pernambucana setecentista, o autor destaca - não somente quando é falado sobre a seca, mas sim em quase todos contextos que abracem a relação de enfrentamento de algo que prejudique um ou mais grupos – os acontecimentos de procissões como um evento que iria afastar qualquer resquício de mazela ou contratempo que assolassem o período.

O registro de procissões aumentara durante o processo enfrentado pelo final do século XVIII. Devido ao alcance social, era possível averiguar a busca em promover através



da fé, uma estabilidade dentro da sociedade. Para isso, o autor cearense continua a descrever como fora organizado as procissões de penitência com objetivo de aclamação pelo fim da seca:

Eram sete horas da noite quando esta procissão, que saiu da igreja de S. Pedro, se encaminhou à da Madre de Deus, designada para um rigoroso miserere³. O bispo acompanhou-a em pessoa, descalço, e confundindo com o povo. Todos, vestidos de branco, disciplinavam-se com sidera contrição. (TÁVORA, 1998, p. 34)

As procissões são descritas como um fenômeno de intensa mobilidade e de representação pela fuga das angústias que percorrem uma conjuntura social. A imagem dos bispos e de outras figuras relacionadas ao alto clero, que são representadas pela narrativa, são associados a vestimentas e acessórios cerimoniais que simbolizam autoridade e posição dentro da igreja. À vista disso, Távora buscou retratar a imagem de um bispo descalço – entendendo que os sapatos são vistos como um símbolo de proteção física, conforto e plenitude social – associa-se a diferença entre as camadas sociais estabelecidas dentro do período colonial.

A partir dos seus registros, fica evidente como os flagelos sociais estremeceu Pernambuco durante a segunda metade do século XVIII. O autor, apesar da autonomia para utilizar da licença poética ao criar sua história, preferiu permanecer com a utilização das fontes e seus resultados. Afinal, o próprio Távora afirma ainda no início d'o *Cabeleira* que não há necessidade de criar uma narrativa pernambucana, visto que “sua trajetória ofereceu-nos exemplos de heroísmo e grandeza moral” (TÁVORA, 1998, p. 17), sendo suficiente para criar uma narrativa densa e rica em conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa, como indicador de sociabilidade, produz diversas narrativas para entender a posição do indivíduo que está inserido no ambiente dos festejos e seus arranjos no processo de interação com a sociedade. À vista disso, é possível entender como a sociedade da antiga capitania pernambucana conseguiu estabelecer uma ordem pelo restauro dos acontecimentos negativos do período através da crença e dos incentivos eclesiásticos. A partir das análises realizadas sobre as secas e flagelos da segunda metade do século XVIII, foi possível compreender, dentro da obra *O Cabeleira*, o processo das práticas

³ Denominação para composição musical que versa sobre o salmo, geralmente são reproduzidas em latim.



Como um todo, a pesquisa proporcionou uma maior compreensão sobre as práticas de festividades religiosas – como o festejo e aclamação a São José - e como é possível caracterizar uma cultura e seu envolvimento social na reconstrução de um cenário positivo. Dessa forma, a obra de Távora permitiu descrever a formação e a caracterização regionalista que, pela Literatura do Norte, sendo possível entender o cenário pernambucano oitocentista e como os festejos religiosos fora importante para o enfrentamento de situações que devastaram a região.

Por conseguinte, é importante entender as práticas religiosas como parte de uma solução encontrada para enfrentar os problemas de um período. Além disso, fica evidente como é possível destacar o processo de mal-estar e sua relação de apego ao sentido religioso, sendo evidente como as contemplações festivas aparecem, também, pela busca de solução de problema – para o caso que discutimos, a situação da seca.

Não somente o entendimento histórico-geográfico do século XVIII permitira entender como estava o cenário do período, a obra de Franklin Távora estendeu a compreensão e possibilitou o imaginário da gravidade da época – trazendo em seu romance o alcance poético permitido em detalhamento e organização da veracidade dos fatos.

Dessa maneira, a festa é um fenômeno que expressa uma linguagem múltipla entre a cultura, política e sociedade, permitindo olhar para História de formas diferentes. Sendo assim, a literatura de Franklin Távora como fonte, torna-se um dos elementos responsáveis para compreensão da narrativa, em especial para entender as práticas festivas e os cortejos religiosos ao longo do período oitocentistas, especialmente em Pernambuco – além, claro, de evidenciar o papel das festividades relacionadas à prática de devoção como elemento importante para formação de um restauro e de uma estabilidade em sua conjuntura social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Capistrano Honório de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

ABREU, Martha. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna. **Música popular, identidade nacional e escrita da história**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 7-25, mai. 2016.

AGUIAR, Cláudio. **Franklin Távora e seu tempo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.



ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2018.

ALVES, Joaquim (1982). **História das secas** (séculos XVII a XIX). Mossoró, RN, ESAM, Col. Mossoroense, v. CCXXV

AMORA, Antônio Soares. **Introdução à teoria da literatura**. 13 ed. São Paulo: Cultrix, 2006

BARRETO, Pedro Henrique. **Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos**. Desafios do Desenvolvimento, Brasília, Edição 48, 2009.

BONATO, Tiago. “**A cada passo se esperava a morte**”: o fenômeno da seca no sertão da América Portuguesa. *MÉTIS: história & cultura* – v. 17, n. 33, p. 343-353, jan/jun. 2018.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **A leitura: uma prática cultural**. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier.in: _____. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. pp. 231-253

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1988

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstições e Costumes**. São Paulo: Ed. Global, 2002

CASTELLO, José Aderaldo. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

FELIPE, Mariely de Albuquerque Mello. **Seca, Economia e Sociedade na Capitania de Pernambuco e Anexas (1791-1801)**.2017. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade de São Paulo.

HAUSER, Arnold. **História social da Arte e da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural** São Paulo: Martins Fontes, 1992

JANCSÓ, István, KANTOR, Iris (orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001

MENDES, Jeferson dos Santos. **A Seca, a epidemia e a fome nas capitanias do Norte (1790-1793)**. *Revista Latino-Americano de História*, V. 10, n. 25Jan./jul. de 2021p. 49a 63.

MONTENEGRO, Aberlado Fernando. **O romance cearense**. Fortaleza: [Typ. Royal], 1953.

MORAIS, Melo Filho. **Festas e tradições populares do Brasil**. Brasília: Editora Senado Federal, 2002.

PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000



RIBEIRO, Cristina Betioli. **Um norte para o romance brasileiro**: Franklin Távora entre os primeiros folcloristas Campinas, SP: [s.n.], 2008

SANTOS, Lídia Rafaela dos. **Luminárias, músicas e “sentimentos patrióticos”**: Festas e política no Recife (1817-1848). Tese (doutorado), Universidade Federal Fluminense, 2018.

SILVA, Valéria da. **Revisitando o passado**: o papel da história na obra romanesca de Franklin Távora. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2008.

TÁVORA, Franklin. **O Cabeleira**: história pernambucana. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1876.

_____. **O Cabeleira**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

_____. **O Cabeleira**. São Paulo: Martin Claret; 1ª edição, 2003.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 1998.